

EXÍLIO, MEMÓRIA E ESPERANÇA: “A CONSOLAÇÃO ÀS TRIBULAÇÕES DE ISRAEL”, DE SAMUEL USQUE.

Gerson Luiz Roani (UFV)

A Consolação às Tribulações de Israel (1553) é a alegoria com que Samuel Usque se dirige aos “senhores do desterro de Portugal”. Além de ser uma das primeiras obras escritas por um judeu em língua portuguesa, a *Consolação às Tribulações de Israel* é, ainda, um dos principais testemunhos literários dos acontecimentos ocorridos em Portugal desde a entrada dos judeus expulsos da Espanha, em 1492, até a data do primeiro edito da Inquisição, em 1531, e das travessias no exílio a que as perseguições obrigaram. Trata-se de um dos mais importantes testemunhos sobre a presença judaica em Portugal e sobre a participação dos judeus na História da Literatura Portuguesa. A obra consiste num testemunho eloqüente da tragédia recaída sobre a comunidade judaica lusitana, perseguida pela Inquisição. Com forte pendor memorialístico, o texto de Usque revela que as perseguições abriram uma ferida no corpo e no espírito dos judeus ibéricos.

A *Consolação às Tribulações de Israel* é dedicada a Gracia Nasi, cristã-nova portuguesa nascida em Lisboa por volta de 1510, em pleno reinado de Dom Manuel I, protetora dos Judeus e dos marranos seus compatriotas. A dedicatória é, assim, uma página de reconhecimento comovido expresso a quem, pelas suas benemerências, se tornara credora da gratidão de todos os judeus da “nossa nação portuguesa” e não apenas dos grandes mas até das “mínimas criaturas deste povo” (USQUE, 1989, p. 5). Daí que o prólogo revista, na economia estrutural da obra, um fundamental relevo, pois Usque escreve-o para explicitar e explicar as razões que o moveram na sua composição. Há os porquê e os para que assim como os para quem. Tudo, logo de início, é posto a claro. Dirigindo-se a portugueses, adota a sua língua. O prólogo como todo livro é um ato de fé no Deus justo e bondoso de Abraão, de Isaac e de Jacó, assim como um ato de esperança no destino do povo que ele escolheu, transfundidos na história do mundo.

O livro foi escrito para ser lido por portugueses. O tormento mais vivo de Israel era ainda, naquele momento o que se identificava com a expulsão de Portugal. A obra só podia, assim, ser escrita em português, embora houvesse quem o aconselhasse a adotar a língua castelhana, idioma dos seus maiores. Ele, porém, decidira escrever na sua própria língua: na língua que mamou desejava escrever a seus naturais. Confissão que deixa confessar uma secreta saudade de Portugal e dos portugueses que tanto tinham perseguido e feito sofrer os seus irmãos de sangue, de lei e de espírito. A obra – insiste Samuel Usque – é escrita em português porque este é o idioma dos seus naturais, mas também por um outro motivo: a ferida aberta por Portugal no espírito e no corpo da sua comunidade estava ainda a sangrar. O autor propõe-se igualmente, no seu livro, convencer os portugueses de que Israel, punido por Deus por que por ele predestinado, não merecia, por parte de seus naturais, ser alvo de tamanhas crueldades.

A Consolação às Tribulações de Israel foi impressa em, pela primeira vez, nas oficinas de Abraão Usque, em Ferrara, Itália, a 7 de setembro de 1553. Assina-a um autor de nome Samuel Usque. O mistério que paira sobre a vida e o nome que usava em Portugal aproxima-o de outra figura literária bem mais conhecida, Bernardim Ribeiro. *A menina e moça* de Bernardim, cuja edição *princeps* saiu na mesma imprensa no na seguinte, tem ainda em comum com a *Consolação* o fato de serem as duas únicas obras de ficção, escritas

e editadas em língua portuguesa pelo editor judeu Abraão Usque. O vazio e o mistério que rodeiam estas duas personagens tem provocado, como é natural, as especulações mais variadas e controversas.

Sobre Usque, as únicas referências conhecidas estão no texto do Prólogo onde nos diz que os seus antepassados eram “do desterro de Castela”, e que ele próprio “mamou” a língua portuguesa. A estas magras informações é possível acrescentar algumas conjecturas que reúnem o consenso de quase todos os investigadores. Presumem estes que Usque teria nascido em Portugal entre 1492 (data da expulsão dos judeus de Espanha) e 1497 ou pouco depois, e que terá saído por volta de 1531, quando iniciaram as diligências para a instauração da Inquisição neste país. Ignora-se o nome que usava em Portugal, considerando-se que o sobrenome Usque, pouco comum entre judeus, se refere à cidade de Huesca. Os eventuais laços de parentesco entre o autor e o editor Abraão Usque, por um lado, ou o poeta Salomão Usque não passam de meras hipóteses. No que diz respeito ao seus percursos desde a saída de Portugal até a morte, cuja data e local são desconhecidos, quase todos os investigadores, fundamentando as suas conjecturas, no carácter supostamente autobiográfico dos últimos capítulos históricos do Terceiro Diálogo, aceitam a sugestão de Cecil Roth (1941, 234) de que o caminho percorrido pelo autor, no exílio é o que vem narrado no capítulo 31 “dos que sayrom e saem que de Portugal desdo Año. 5291 [= 1531]” e seguintes (USQUE, 1989, p. 361), a saber: Flandres, Alemanha, travessia dos Alpes através da Suíça até o estado de Milão, Nápoles e por fim, Ferrara. De todas estas conjecturas e suposições uma certeza emerge: a de que Samuel Usque, a exemplo de seus destinatários, viveu em Portugal sob uma identidade cristã-nova antes de retornar ou de se converter ao judaísmo, em Ferrara, numa data certamente muito próxima da publicação do livro, como aparecem apontar alguns indícios contidos na dedicatória à Gracia Nasi.

Tais indícios levam a considerar que a *Consolação às Tribulações de Israel* é um produto direto da recente conversão de Samuel Usque ao Judaísmo, fato que certamente explica o zelo religioso de neófito, e que sugere, ao mesmo tempo, uma confissão de arrependimento. É para o seu exemplo pessoal que o autor chama a atenção do público, numa defesa clara do proselitismo, como fica comprovado pela defesa da idéia que, na “Nova Jerusalém” do fim dos tempos, os beneficiários privilegiados são aqueles que se convertem. De fato como bem observou Wilke (1992, 876-877), “Dans le paradis d’Usque, organisé selon un ordre dantesque de préséances, le prosélyte occupe donc un rang supérieur à l’israélite de naissance”, pois é para “os bem aventurados peregrinos da ley, aquelles que com sôo sua especulam sem ajuda de paes nem outros, algus meos alcançam a primeira causa e pregoam sua ley e doutrina pello mundo”, que Abraão abre as “portas de thisouro das vidas” (USQUE, 1989, p. 57). Cumpre salientar que Abraão, primeiro patriarca de Israel é, também, o próprio prosélito, aquele que rompe com o passado e a tradição, na medida em que abandona a família, o país e os costumes pagãos para responder ao apelo de Deus e tornar-se o primeiro monoteísta.

Samuel Usque, em sua obra, segue o conselho de Sócrates, discorrendo que a consolação efetiva se obtém cotejando os males passados com os presentes. Tal intencionalidade leva o autor a relatar as tribulações do povo de Israel desde os tempos bíblicos até a época das tribulações contemporâneas da Inquisição, procurando em primeiro lugar, reavivar a memória da nação portuguesa, amputada de suas raízes ancestrais. Por outro lado, torna-se claro, que o autor investe na confecção de um processo retórico típico

do gênero das consolações, cujo objetivo é relativizar e neutralizar o caráter de acontecimentos únicos dos infortúnios presentes pela sua inclusão na série geral (MUCZNIK, 1994). Mas a verdadeira razão que preside à composição deste quadro vem exposta pela citação: “Ou o que creio e derejo, por esta tormenta que tee gora nos perseguio e persegue começarse jaa amainar, e a desejada manhaã depois da tempestuosa noute do ynuerno quererse nos aparecer” (USQUE, 1989, p. 345)

A narrativa assume uma feição memorialística e claramente messiânica. Samuel Usque, a exemplo de muitos judeus da época, acredita e deseja que o tempo do Messias e o fim das tribulações está próximo, e que a sua participação depende do envolvimento de todos os judeus. Sob essa ótica, a identidade dos destinatários é um problema fundamental deste livro. No Prólogo, Usque dirige-se aos “Senhores do Desterro de Portugal”, designados pelo autor como “nossa trabalhada e corrida nação” ou “esta nação seguida e afugentada” e, finalmente apenas por portugueses.

Como escreve Lúcia Liba Mucznik (1994, p. 55-69), na *Consolação*, a ambiguidade criada pela utilização da primeira pessoa do plural “nossa” aplicada à dita nação, que não só inclui o próprio autor como visa confundir-se com os “nossos” expressão que designa o povo de Israel no seu conjunto. A continuidade nacional e religiosa que esta confusão gramatical pretende estabelecer vem exposta da seguinte forma por Usque:

A ordem que no mais desta composição tiue, foy, que fingindo o grande patriarcha yahacob com nome de ycabo e em habito de pastor como ho elle foy, chora o mal de seus filhos, filhos por sangue, filhos em ley, filhos em esprito e muitas vezes todo o corpo de ysrael representa elle com muita razão pois ambos somos hum soo sogeito, (1989, p. 51)

A situação de igualdade social e de tolerância relativa, começou a deteriorar-se a partir de 1531, data em que o embaixador de Portugal na Santa Sé pediu a instauração do Tribunal da Inquisição e veio a ser bruscamente interrompida pela introdução daquele tribunal, em 1536 e pelas perseguições que se seguiram, tais como o horrendo auto de fé de 1540, dando origem a novas e sucessivas vagas de exílio. Se muitos destes desterrados, convencidos de que a Inquisição era uma espécie de castigo pelo esquecimento da antiga lei, se arrependeram e voltaram ao Judaísmo, como parece ser o caso de Usque, outros não o fizeram, porque a sua assimilação ao cristianismo era já quase completa. Que assim era, e que alguns deles estavam já esquecidos da “antigua ley”, fica comprovado pela alusão à Inquisição: “çururgião cruel sem o qual a “doença tão perigosa e mortal” do cristianismo “hía penetrando as entranhas” dos cristãos-novos e “em poucos años mais matara a memoria do judesmo em teus filhos” (USQUE, 1989).

É pois para este grupo de judeus que “nam querem ynda encaixarse no corpo de ysrael” que o autor dirige comovido o seu discurso de defesa do judaísmo ou de volta às fontes, através do qual e lançando mão da imagem do pregador cristão, procura mover, no sentido positivo do termo, o comportamento dos seus ouvintes ou destinatários.

O pastor Icabo, anagrama de Jacob, é a personagem principal da alegoria com que Samuel Usque aponta a condição dos seus destinatários. É a Icabo, a quem cabe a função de representar o cristão-novo “em dúvida”, que hesita em trocar a religião cristã por um judaísmo cheio de tragédias e percalços. Icabo representa no livro um perplexo e cético

marrano. A narrativa de Icabo alude aos “pecados” que os cristãos-novos eram obrigados a praticar: a assimilação, a apostasia e a idolatria. Perplexo, desesperado e mesmo revoltado com as sucessivas catástrofes com que Deus puniu as suas “culpas”, Icabo rompe o seu relato para exprimir, aos companheiros, as dúvidas que o assaltam face ao seu destino trágico, cujo sentido escapa-lhe. Como se pode perceber pelo excerto: “Temo primeiro, se o señor tam agrauado e offendido me auera engeitado de ser jaa seu pouo. E trás ysso temo se se auera passado a outra gente, vendo a pouca ympressam que faz jaa em mi sua meyzinha e castigo”(USQUE, 1989, p. 276).

Icabo torna-se o porta voz das dúvidas dos seus correligionários e chega a ser dramática a maneira como interroga Zicareo, anagrama do profeta Zacarias, acerca do possível fim dessas tribulações:

Se tendes algus sinaes que me dar, por onde conheça nam que auer o señor yinda engeitado, nem elle ser passado a outra gente [...] [dado que o cativo] de Egyto durou duzentos e dez anos [...] e somente setenta ho de Babel, e o presente mil e trezentos años há que dura (USQUE, 1989, p. 275).

Um dos elementos mais utilizados na controvérsia anti-semita era exatamente o do exílio e dispersão dos judeus como prova do abandono e do castigo de Deus. O tempo do exílio foi proporcional à falta cometida, mas nunca tão duradouro depois da morte de Cristo, como estava perniciosamente disseminado na mentalidade da civilização ibérica. Acerca disso vale destacar uma postura contemporânea à de Usque, trata-se de um excerto das crônicas que João de Barros, cuja consciência crítica e agudeza, com que apontou os desdobramentos dos descobrimentos portugueses, aparece nublada pelo preconceito ao escrever que:

Estes são os Hebreus; padecem tais cativos, desterrados e opressões como nunca passaram. Porque os setenta anos de Babilônia, que foi o mais grave, sempre tiveram Profetas e socorros de Deos em os ter junto sob poder e senhorio dum senhor, por se confortarem uns com os outros. Mas crucificado Cristo, destruída Jerusalém, foram e são espalhados per todo o mundo, cativos, sujeitos e desprezados de todas as nações dele. Assi que podes daqui tomar ua conclusão: os Hebreus, por seu pecado, são semelhantes ao demônio: pêra os povos são estímulo e açoute de Deos, e pêra si são pena e tormento (1952, p. 103).

O tema do abandono dos judeus por Deus leva ao da substituição do povo eleito, pelos cristãos. A Igreja e os Evangelhos cumpriram assim as profecias do Antigo Testamento. A primeira aliança dá lugar a uma nova, a Lei velha dá lugar à Lei da Graça. O tema do verdadeiro Israel é uma das faces do arsenal anti-judaico com que usque estava familiarizado, como comprova a segunda parte da pergunta de Icabo. Isto é, se o Senhor terá passado para o outro lado, o dos cristãos e rompido a aliança com o povo hebreu (MUCZNIK, 1994).

Vistos com base em tal interpretação, os castigos provindos de Deus e impostos ao povo eleito no suceder dos tempos antigos e modernos, significam um chamado à ordem e à integridade da vida judaica. O sofrimento despertará o povo de Israel para a convicção de

que deve viver em um caminho reto, para que possa e deva desempenhar a grande missão que lhe foi confiada. Isso representa uma espécie de anúncio do papel salvífico destinado ao povo hebreu e perceptível, segundo Usque, em todo o seu percurso histórico.

Assim, poder-se-ia sintetizar a Consolação às Tribulações de Israel da seguinte maneira: Por mais trágicos e terríveis que possam ser os sofrimentos e tormentos que hoje padecem os judeus sob o crivo impiedoso e intolerante da Inquisição, é oportuno lembrar que sofrimentos muito maiores já foram enfrentados por este mesmo povo na sua trajetória histórica. Assim, os tormentos acabam sendo vistos como justos, porque o povo de Israel, mais uma vez, pecou contra o Senhor, o qual não podia, por ser a própria expressão infinita da justiça deixar de punir as infrações cometidas contra a Santa Lei. Isso revela, por outro lado, a predileção apaixonada desse mesmo Deus pelo seu rebento mais indigno. Adonai não quer deixar que se perca na dureza, na dor e no abandono. Deus pesa sobre o seu povo a mão com simultânea justiça e bondade. Isto não significa que os israelitas não sejam merecedores de um severo castigo, e tanto mais severo quanto é certo eles serem abandonados à inconvertibilidade, na gélida indiferença do seu vazio espiritual (MARTINS, 1989, p. 136-137).

A *Consolação* é um verdadeiro poema de exaltação do destino do povo de Israel. Essa exaltação não exclui, como escreve Pina Martins, as infidelidades atrozes cometidas contra o Senhor. Sob essa ótica, a *Consolação* apresenta a história judaica à luz da Sagrada Escritura. Assim, o ato de esperança na permanência e sobrevivência de Israel, além da tragédia, assenta num ato de fé no Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó. A bondade divina vale-se do castigo para restituir a Israel a missão natural e sobrenatural que lhe foi legada. Deus assim interpela o povo, chamando-o à sua vocação ao além-tempo de um Reino Eterno.

Referências bibliográficas:

- BENBASSA, Ester; RODRIGUE, Aron. *História dos sefarditas*. De Toledo a Salónica. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.
- CABRAL, Maria Luísa (coord). *Signs of Judaism in Portugal*. Lisboa: Ministério da Cultura/Gabinete das Relações Internacionais, 1999.
- KAYSERLING, Meyer. *História dos judeus em Portugal*. São Paulo: Pioneira, 1971.
- MARTINS, José V. de Pina. Consolação às Tribulações de Israel de Samuel Usque – Alguns dos seus aspectos messiânicos e proféticos – uma obra-prima da língua e das letras portuguesas. In: USQUE, Samuel. *Consolação às tribulações de Israel*. Edição de Ferrara, 1553. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1989, vol 1, p. 127-231.
- MUCZNIK, Lúcia Liba. *Ficções e contradições da identidade na Consolação às tribulações de Israel de Samuel Usque*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1994.
- USQUE, Samuel. *Consolação às tribulações de Israel*. Edição de Ferrara, 1553. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1989. (2 Vol)
- WILKE, Carsten. Samuel Usque. In: *Encyclopédie philosophique universelle*. Paris: Press Universitaires de France, 1992, v. 3, t. 1, p. 876-877.